

Falando claro

A Republica, orgão do partido evolucionista em Lisboa, achou interessante acolher nas suas paginas a opinião de um militante operário ácerca da actual conflagração; e para isso procurou Sebastião Eugenio, bastante conhecido e estimado nos meios avançados e um dos indigitados delegados dos anarquistas portugueses ao Congresso Internacional Anarquista, que agora se devia realizar em Londres se a guerra não tivesse estalado.

Sebastião Eugenio fala ali exclusivamente em seu nome e as responsabilidades morais das suas afirmações e opiniões recaem apenas sobre elle; é verdade. Mas o que é inegavel é que o nosso silencio ou uma attitudé dubia da nossa parte podia significar para muita gente um sinal de assentimento e de concordancia com semelhantes afirmações, tanto mais que Sebastião Eugenio é conhecido pelas suas ideias anarquistas e na propria entrevista fala como anti-militarista.

Neste momento é necessario não deixar estabelecer conclusões. Aquella opinião assim apregoada aos quatro ventos pela voz potente da grande imprensa podia passar como opinião dos anarquistas portugueses.

Para que assim não succeda necessario se torna que aqueles que pensam duma maneira diferente venham a público expôr e justificar a sua opinião.

E' a isso que vimos. A isso, e nada mais; porque, de resto, sempre temos mantido com Sebastião Eugenio as melhores relações de amizade.

Dois pontos sobretudo da sua entrevista merecem os nossos reparos.

Vamos ao primeiro: «Posta a questão nestes termos, diz S. Eugenio, eu acho que neste momento, se deve abrir um parentesis e, pondo a liberdade humana mais alta do que tudo, nós todos, os que a amamos e que sem ella somos esmagados, concorrer para a derrota das hostes do Kaiser».

A liberdade humana? Mas aonde é que está em jogo a causa da liberdade humana? Trata-se porventura duma revolução com caracter mais ou menos socialista e anti-autoritário? E' um povo que pretende escorraçar á força os seus déspotas e os seus exploradores?

O que nesta guerra, como em todas as outras, nós vemos em jogo são os interesses da alta financia e da grande industria. E para isso não é necessario abrir nenhum parentesis. Esta guerra tinha sido prevista por todos nós, os anarquistas, como consequência lógica do regimen monopolista em que vivemos mercê duma organização social baseada sobre a concorrência.

De ha muito vinhamos afirmando que ella só poderia ser evitada se conseguissemos criar entre as multidões um tal estado de opposição firme e decidida á guerra que fizesse abortar quaisquer veleidades guerreiras da parte dos dirigentes.

Que facto novo, imprevisto, veio tornar necessario a abertura de um parentesis no decurso das nossas afirmações?

E' depois que candura é essa de afirmar que se trata duma guerra pela liberdade humana quando nós vemos que os mais entusiastas nessa campanha são precisamente os mais ferozes inimigos da liberdade—os clericais, os imperialistas, os reaccionarios da Action Française, os transfugas do socialismo, os Briand, os Millerand, toda essa corja que sob o manto da democracia tem transformado a republica franceza num dos paizes mais imperialistas da Europa?

Se realmente se tratasse duma luta pela liberdade contra o imperialismo toda essa gente estaria a estas horas do outro lado da barricada, combatendo como sempre pelo imperialismo, pela reacção politica e clerical, pelo militarismo contra a liberdade, contra a ideia nova e os seus defensores.

Não, esta guerra para nós não é uma luta pela liberdade contra a reacção.

Ella foi preparada e provocada em todos os paizes agora em luta pelas respectivas classes dirigentes, por essa minoria de poderosissimos capitalistas e industriais que em seu proveito exclusivo manejam e dirigem por toda a parte a politica nacional e internacional—por esses que eram e continuam a ser os nossos maiores inimigos.

E essa gente que agora pede a nossa colaboração para a defesa dos seus interesses e regalias ameaçados, nem so menos nos faz qualquer concessão de caracter moral ou económico que seja como uma esperança de mais largas conquistas. Não. O que até agora temos tido é o agravamento propositado e premeditado do custo da vida que a burguesia de todos os paizes tem provocado com a intenção manifesta de enriquecer rapidamente, neste momento difficil, á custa da miséria daquelles a quem pede a colaboração.

E sob o ponto de vista moral o que temos visto é a restrição das acanhadas liberdades de que gozavamos e a inauguração, tanto em França como entre nós, dum intoleravel regimen de perseguições a todos os que não pensam... como é preciso pensar agora.

Que suave esperança de libertação!

Mas o que é absolutamente intoleravel é esta outra passagem: «Eu, digo-lhe com convicção, anti-militarista que sou, confesso que, se pudesse, concorreria para a vitória dos aliados, com o que não renegara as minhas ideias».

«Ainda há poucos dias, na ultima expedição para a Africa, parti como voluntário um amigo meu, que segue em politica os mesmos principios que eu sigo».

«Quero portanto sinceramente a vitória dos aliados, que é a vitória da liberdade, o esmagamento da reacção militar, capitalista e jesuítica».

Não pode ser! Aqueles que se conservaram no seu posto, fieis a principios que não a conclusão lógica de factos históricos e que nenhum facto novo veio alterar, não concordam certamente com semelhante doutrina!

Pois qué! Ha um anarquista que vem a público glorificar a partida dum seu camarada para Africa, como voluntário, a colaborar na pilhagem organizada ás colonias alemãs em beneficio dos capitalistas e industriais de qualquer outro país, e nós havemos de nos calar dando assim a entender que estamos de accordo? Não! Não pode ser!

Acima das amizades e sympathias pessoais está o amor pela nossa causa e o desejo de coerencia. Nós que também pertencemos á familia anarquista estamos em absoluto desacordo com tais opiniões.

E como nós, pensam—felizmente!—a maioria dos anarquistas.

AURELIO QUINTANILHA

Notas Rubras

Estudantes e «futricas»

Li nos jornais diarios que se deu, ha dias, nesta cidade, um confliito entre estudantes e operarios.

Não sei, verdadeiramente, as causas dessa questão, muito embora um dos estudantes contendores dissesse numa gazeta, em carta, de certo faciosamente, que o motivo da desordem se devia ao facto dum seu colega ter sido «muito indelicadamente tratado por um futrica alfaiate», quando aquelle se encontrava a ler um aviso collocado á porta dum atelier, tao que elle respondeu de igual maneira.»

E' natural que ainda se conservem na mente de todos os lamentáveis acontecimentos ocorridos ha tempos em Coimbra entre academicos e populares (por elles alcunhados de futricas), pois que foram de bem triste consequência os tristes e sangrentos successos que se deram naquela cidade.

Não enfileiro ao lado daquelles proletarios que, por ódios antigos e espirito brigão, se encontram em disposições manifestas de rixa para com os estudantes.

Mas o que não posso tolerar é que certos meninos que estudam, plagiando os seus colegas de Coimbra, alcunhem desdenhosamente de futricas aqueles que muitos dos seus papás, donos de fabricas e officinas, exploram, para os sustentar.

No entanto, forçoso se torna confessar que esses individuos são, na sua attitudé apontada, o mais coerentes possível.

Estudam elles para trochas, alfaiates,

sapateiros, ou outro qualquer officio produtor? Decerto que não. O seu fim é conquistar a borucracia rendosa; trepar nos poleiros destacantes da politica, ou «administrar» os seus grossos capitais, empregados em estabelecimentos fabris, commerciaes ou financeiros.

Eu sei que ha estudantes pobres, multos deles vivendo com immensa difficuldade.

Reconheço tambem que existem academicos intelligentes e educados. Não são para esses, é claro, as considerações que fiz a esse deidem que multos estudantesinhos alimentam pelas futricas...

Attitudes sobre a guerra

Continuam a ser exteriorizadas, de diferentes modos, as diversas maneiras de pensar das varias facções sociais e politicas em face da indeminavel chacina que assola uma grande parte do mundo.

Os patriotas asanhados, enfermos duma epidémica brotojea guerreira, estalam-se a berrar que a actual conflagração é uma luta de vida ou de morte para o Progresso e para a Civilização, e, por consequencia, que Portugal deve marchar sem demora a intervir, ao lado dos aliados, nesse combate, nessa degladiacão fratricida e selvagem.

A' frente desses buzoneiros patrioticos e belicosos tem-se collocado aquella republicano convicto e democrata austero ex.—«Seculo imundo...», acimando de «campanha de cobardias» os escritos daquelles que não leem na sua cartilha patriottica e guerreira...

Comtudo, aqueles que mais gritam em favor da intervenção do luso povo offensa barbara trucidacão humana, ainda não tiveram o gesto do «Estrategico Malabarista», por elles tão insultado, offerecendo-se para tomar parte, na expedição portugueza a enviar para o campo da morte, sem se importar com o dever mais imperioso de sustentar os filhos...—como se os soldados filhos do povo não tivessem familia a sustentar!

Os verdadeiros revolucionarios portugueses entendem, porem, acertadamente, que não concorrerem para o estado de guerra em que se encontra uma boa parcela da humanidade—visto que não são capitalistas, nem financeiros, nem tam pouco negociantes de canhoas—e por isso que não darão de boamente o corpo ao manifesto...

Desajam, é evidente, o aniquilamento do imperialismo teutonico; mas não sentem menos vontade de ver esmagados os imperialismos restantes...

Tanto estimam os povos francez, belga, inglez, russo e japonéz, como o povo alemão. A sua attitudé perante o ataque dum qualquer força estranha não será decerto a de ficar de braços cruzados.

Porem o que elles nunca olvidarão, fiquem sabendo isso, é a sua qualidade essencial de proletarios:—a luta de classes em que assenta o problema da sua pura e integral emancipação e os sentimentos de humanidade que os liga aos trabalhadores do mundo inteiro.

C. RODRIGUES.

Que socialismo!

Seja nos justos. Tendo reproduzido com prazer a declaração dos revolucionarios como Liebknecht, mostremos até onde vai o pensamento dos social-democraticos patriotas como Sudekum e Fischer. Vejamos a linguagem de alguns jornais socialistas.

Do Jornal de Mannheim:

«O imperador, o governo, os representantes da burguesia e, não em ultimo lugar, o proletariado estão pela primeira vez ligados pelo vinculo comum da vontade unânime e decidida de tude dar pela liberdade e pela grandeza da Alemanha».

Do Jornal de Reuss:

«No embargo já não pensamos nas injustiças que tivemos de sofrer: estamos ao lado dos nossos concidãos até á morte. Passa sobre a Germânia o sópro dum espirito novo. Ando no ar, está nos espiritos. Já hoje está tudo mudado; mais estará, mais deverá estar amanhã».

Do Jornal do Schleswig-Holstein:

«Ou desaparecer ou vencer a Europa toda: tal é hoje o dilema. Nestas condições, a social-democracia tudeca colloca-se sem reservas ao lado do governo, ao lado do resto do povos».

Do Jornal de Hamburgo:

«Para nós, alemães, é claro o que está em jogo nesta guerra. Sejam quais forem os erros dos nossos governantes (e a lista dos seus peccados é grande) uma coisa é certa: elles não queriam a guerra mundial, de modo nenhum a provocaram com a sua attitudé; fizeram todos os esforços para a impedir. Se foram cometidos erros, não foram voluntarios».

Da Gazeta Operaria, de Viena, sobre a sessão de 4 de Agosto e a declaração Huss:

«Este dia jamais nos esquecerá, seja qual for o éxito da guerra, e com o mais intimo ardor do nosso coração desejamos que seja uma vitória para a causa do povo alemão. O espectáculo que o parlamento alemão hoje offereceu imprimir-se há indelévelmente na consciência de toda a humanidade germanica, ficará assinalado na história como o dia da mais suberba, da mais poderosa elevação do espirito teutonico, e á Europa inteira, uma notável parte da qual se arma hoje para destruir a Germânia, ensina-nos que a Alemanha, na luta pela sua

independência politica e pela honra nacional, é concorde e permanecerá concorde até á ultima gota de sangue».

De Fischer:

«Em socorro do Estado surgiu agora precisamente aquelle espirito que anima o movimento operário, o espirito de solidariedade».

«A solidariedade de todo o povo é a primeira e mais importante condicão para conduzir uma guerra moderna. Mas em substancia o socialismo não é senão a solidariedade applicada em todos os campos».

«Uma das maiores tarefas a nosso cargo após a guerra será fazer desandar de modo permanente em proveito do nosso povo esse espirito de socialismo e de solidariedade manifestado na hora da guerra».

O fêcho não está mau, hein?

A CAMINHO DO PACIFISMO

A imprensa inglesa faz uma campanha, e o governo britânico faz côro, para incutir á idea de que a actual guerra há de ser a última, deve dar em resultado o esmagamento do militarismo, resolver a questão das nacionalidades, dando a autonomia a algumas delas. Quase diariamente nos chega o eco duma declaração de Sir Grey, Churchill, Lloyd George, Kitchener ou Asquith, dizendo em voz alta e intelligivel que lutam para acabar com os armamentos e que o seu desejo é deixarem depois expandir-se na paz a civilização.

Alguns pensadores agitam a mesma idea. Maeterlinck, o admirável escritor belga, escreve:

«E' essencial que o mundo moderno suprima o militarismo prussiano, como se destruisse um cogumelo venenoso que durante meio século lhe houvesse perturbado e contaminado a vida. Trata-se da saúde do nosso planeta. Amanhã os Estados Unidos da Europa terão que tomar medidas para a convalescência da Terra».

Não é só o militarismo prussiano, o mais imperialista talvez, que é preciso suprimir, mas o militarismo, onde quer que se encontre porque se torna sempre, por d'finição, inómodo, arrogante, imperialista.

Mas é a propria Gazette de Lausanne, o jornal do coronel Secrétan, que tem o cesso de vergonha quanto á obra monstruosa dos exercitos e que cantarola a doce melodia da paz. Eis o que se lia no número de 27 de Setembro:

Não há remédio senão reconhecer que em mil não há um homem que conheça exactamente as razões duma guerra em que combate. Assim é de dezenas de mil res que são ceifados homens, a maior parte na flor da idade, sem saber porque morrem, no horrivel desespero de terem abandonado familia, amizade, amor, trabalho, felicidade, lá longe, atrás deles, na sua terra.

E' mais estas palavras, no mesmo número:

Ah! a paz, a paz em que se desenvolvem no culto das artes e da sciencia as mais nobres qualidades do homem! Onde está ella, que é feito dela, até onde foi ella varrida por esta luta horrivel?

Como vêdes, sinceramente ou não, os nossos dirigentes parecem aterrados com os resultados do que elles preconizaram, defenderam, organizaram, desenvolveram, provocaram durante anos. Parecem tomados dum sobressalto de horror em face das consequências lógicas, inevitáveis, do militarismo que elles exalçam, quiseram, impuseram. Invocam a paz, agora que a tornaram illusória com a sua incêrnia, presunção e orgulho. Verdade seja que é talvez por medo ás revoltas proletarias que elles assim talam.

Não importa. Retenhamos cuidadosamente esses sentimentos, discutamos por toda a parte essa necessidade de pacifismo, para desde já lhe preparar as vias. Não acreditemos nas promessas, no arrependimento e na sensibilidade tardia dos amos. E se convier lembrar-lhes em breve as suas allusões á era de paz de amanhã, contemos para a estabelecer somente com a nossa propaganda e as vontades populares.

João WINTSCH.

«O Libertário»,

Por falta de meios monetarios, este mensário que via a luz de publicidade em Faro, suspende temporariamente a sua publicação. O grupe editor.

Não tornemos a confundir!

Levados pela indignação em nós provocada pela agressão alemã, revoltados contra os processos friamente bárbaros do militarismo prussiano, nem sempre talvez—até em nossa Bataille Syndicaliste, apesar de ser órgão autorizado da fraternidade operária internacional—tivemos o cuidado sufficiente de discernir entre o povo, alemão e seus amos. Nem sempre estabelecemos uma demarcação bastante nítida entre os miseráveis que, scientemente, metódicamente, construíram essa medonha maquinaria de destruição e os desgraçados que se deixaram persuadir de que esta era indispensável á sua segurança.

Sim, cometemos algumas vezes esse erro, e dele se apoderaram os nossos adversarios. Os nossos eternos adversarios, os que nenhuma trégua deterrá, nenhuma promessa empenhará, os que, na crise actual, não procuram como nós o fim das violências, mas saúdam com hediondo júbilo o retorno offensivo do ódio e agitam com clamores selvagens um novo rosário de desforra,—esses clamaram: «Os próprios revolucionarios o reconhecerem: há uma raça maldita. Guerra eterna a essa raça. Quando a tivermos vencido a primeira vez, havemos de a vencer segunda vez e assim por diante, até completo extermínio. Mata, mata! Se há innocentes, Deus os reconhecerá».

Tenhamos cautela! Não pronunciemos uma palavra, não escrevamos uma linha que possa, pouco que seja, corroborar essa linguagem de epiléticos. Nunca nos esqueçamos de distinguir entre aqueles sobre os quais recaí, immediata, formal, esmagadora, a responsabilidade do crime e aqueles a quem só podemos censurar a sua fraqueza, a sua cegueira, a sua imprevidência.

Fazendo isto, não só ficaremos da banda do bom senso e da razão, mas salvaguardaremos para o futuro os nossos interesses de trabalhadores e de proletarios. Passada a tormenta, quando em todos os paizes nos virmos, uns e outros, do mesmo lado da barricada, quando tivermos que recommençar por cima das fronteiras a nossa acção de classe, é preciso que o trabalhador alemão—o camponês ou operário alemão—não possa acusar-nos de o termos tratado sem humanidade nem justiça.

Se jurámos defender até á morte a nossa liberdade e o direito dos fracos; se votámos á execução do universo e ao mais implacável dos castigos os odiosos bandidos que desencadearam sobre a Europa esse horror, que não possam lançar-nos em rosto o termos proferido a menor injúria ou a menor injustiça contra o povo alemão.

Lembre-mos de que todas as nações conheceram, na sua hora, e por motivos diversos, a atrocidade de terem estado por certo tempo, sem mola nem resistência, nas mãos sangrentas dos seus amos. Pensemos que nós tam pouco estávamos muito reluzentes nas proximidades do ano de 1870 e que um tal Napoleão III era bastante parecido com mestre Guilherme II.

Reflictamos, enfim, que de todos os povos arrastados na tormenta, esse, se culpado é, será também o mais terrivelmente atingido.

Lastimemo-lo.

Com effeito, enquanto para nós será a dor dos lutos e ruínas suavizada pela consciência do dever cumprido, emobrecida pelo orgulho de termos mais uma vez lutado pela independência dos homens e pela obra eterna da Revolução, aos mesmos lutos, aos mesmos sofrimentos juntar-se há para elles a vergonha insuportável de terem sido, nas mãos de governantes indignos, instrumentos duma obra infama.

CHARLES ALBERT.

N. da R.—Oxalá que o povo alemão não sinta convictamente um orgulho análogo e não venha a persistir teimosamente nele, e que do outro lado os combatentes da obra eterna da Revolução não tenham mais tarde que cartir uma vergonha parecida...